



CORREIO DE COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRETORA: SÓNIA NEVES
ANO 105 | N.º 5060 | 26 DE MARÇO DE 2026 | GRATUITO



Obra da Rua

O serviço aos Pobres

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

DESTAQUES

05 DIOCESE

SEMANA SANTA

Celebrações divulgadas

05 DIOCESE

ESCUTISMO

Inicia o centenário da Região de Coimbra

07 GRANDE PLANO

OBRA DA RUA

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

15 PARA NOS PENSARMOS

OPINIÃO DE QUEM NOS ACOMPANHA

Nuno Canilho; Cristina Novo;
Fundação AIS; Ana Faria (SDEC)

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETORA

Sónia Neves (CP 5775)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃO

Communis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, n.º 2
3004-547 Coimbra

GRAFISMO / PAGINAÇÃO

Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃO

Rua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)

DONATIVOS

assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO

suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORES

Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores. As imagens e textos da secção Suplemento "Igreja Viva" são da responsabilidade dos respetivos colaboradores.

ESTATUTO EDITORIAL

www.correiodecoimbra.pt

PUB

Porto | Coimbra | O. Azeméis | Leiria | Lisboa

FREGO
CORRETORES DE SEGUROS • INSURANCE BROKERS

+45 anos
De experiência na gestão de soluções diferenciadoras para riscos empresariais

www.frego.pt
geral@frego.pt

F. REGO - Corretores de Seguros, S.A. Mediador de Seguros inscrito em 27-01-2007 na ASF, categoria de Corretor de Seguros n.º 607110281/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida (www.asf.com.pt). A F. REGO não assume a cobertura dos riscos contratualizados.

CORREIO DE
COIMBRA

Semanário da Diocese de Coimbra



Delinear o Futuro

Há umas semanas participei num encontro de jovens, numa dinâmica de questões sobre vários temas, um espaço aberto à comunidade, numa tarde de sábado, com as mesas redondas de um salão repletas. A primeira questão que me fizeram foi: “ainda vale a pena ser jornalista?”.

Com o tempo contado pelo relógio não tinha oportunidade para formular a minha resposta, organizada e concisa, mas prontamente disse que sim, para espanto de muitos jovens, ávidos de conversa. Da falta de liberdade às manipulações, das ‘fake news’ às redes sociais, do sensacionalismo à falta de verdade foram caminhos que me levaram à partilha com os mais novos, alguns universitários, outros a iniciar no mercado de trabalho.

Ser jornalista é, por definição, um exercício de escuta, ainda mais a trabalhar na área da religião, há quase 20 anos, exige um olhar que saiba ver para além da superfície dos factos, um olhar que procure a “notícia” no lugar onde a vida teima em renascer.


Esta semana o olhar levou-me até à Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo. Ali, entre sorrisos tímidos, que carregam histórias de superação, e o quotidiano de uma casa que é, antes de tudo,

um lar, não vi apenas uma instituição. Vi o futuro a ser delineado, a ser construído com esperança. Vi mãos que trabalham e corações que se reconstróem, num silêncio laborioso que é, por si só, uma forma de oração.

Ali senti que a “vida nova” de que nos fala o Evangelho se manifesta em rotinas, em aprendizagens e na conquista da dignidade. É o Evangelho sem capas, escrito no dia a dia de quem ali está.

Vamos entrar na Semana Santa e esta reportagem em Miranda do Corvo foi para mim um vislumbre da Ressurreição. Ver aqueles jovens a sonhar o futuro é perceber que a Páscoa acontece sempre que alguém se levanta, sempre que uma comunidade acolhe e se pratica a caridade.

A escuta é a prática do jornalismo mas nunca ninguém me ensinou como “digerir” questões, sorrisos e silêncios desta forma, vale a pena ler a reportagem no Grande Plano, conhecer mais sobre a casa e sobre a Obra da Rua e, até, aprofundar a figura de Padre Américo, a “caminho dos altares”.

Encontros e gestos que se misturam e, na minha perspetiva, apontam que o futuro não é algo que se espera mas é algo que se delinea hoje, com coragem e com Deus. 



ÍNDICE

05 DIOCESE



07 GRANDE PLANO

15 PARA NOS PENSARMOS

26 LITURGIA

34 AGENDA



COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano *Correio de Coimbra* passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital. Comporta, contudo, custos.

Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação.
Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

O *Correio de Coimbra* é **um serviço gratuito** à missão evangelizadora da nossa Diocese.

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar.

Muito obrigado.



DIOCESE



«A paixão não pode matar a alegria da Ressurreição, a alegria da vida» – D. Virgílio Antunes

O Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, presidiu este domingo à procissão do Senhor dos Passos, na Pocariça, encerrando a visita pastoral a Covões e Pocariça...

[LER MAIS >](#)



Escuteiros: Comemorações do centenário na Região de Coimbra iniciam com «Xilema»

No próximo sábado, dia 28 de março, o Corpo Nacional de Escutas (CNE) da Região de Coimbra inicia as comemorações do centenário, com o lema “Xilema”...

[LER MAIS >](#)



Diocese divulga celebrações da Semana Santa

A Diocese de Coimbra divulga as celebrações para a Semana Santa deste ano, presididas pelo Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes. “No domingo, 29 de março, Domingo de Ramos, acontece a Benção dos Ramos e Missa da Paixão, pelas 11h15, na Sé Nova”...

[LER MAIS >](#)



Semana Santa

CATEDRAL DE COIMBRA 2026

Domingo de Ramos | 29 Março

- 11:15 - Bênção de Ramos e Missa da Paixão - Sé Nova

Quinta-feira Santa | 2 Abril

- 10:30 - Missa Crismal - Sé Nova
- 21:30 - Missa da Ceia do Senhor - Sé Nova

Sexta-feira Santa | 3 Abril

- 9:30 - Ofício de leitura e Laudes - Sé Velha
- 15:00 - Celebração da Paixão do Senhor - Sé Nova
- 21:30 - Via Sacra - do Seminário para a Sé Nova

Sábado Santo | 4 Abril

- 9:30 - Ofício de leitura e Laudes - Sé Velha
- 21:30 - Vigília Pascal - Sé Nova

Domingo de Páscoa | 5 Abril

- 11:15 - Missa da Ressurreição - Sé Nova





«NÃO FAZEMOS ACEPÇÃO DE PESSOAS»

Em tempo de Quaresma, alinhado à caridade, o Correio de Coimbra quis dar a conhecer a Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo. Ali, é o lar de 20 rapazes, educados com amor, regras e tarefas alinhadas pelo “Pai Américo”.



PADRE MANUEL MENDES

«Educar também é contrariar»



O edifício diz “Casa do Gaiato”, não há que enganar. Ouve-se um chiar, abre-se o portão e aparece o padre Manuel Mendes, anfitrião da visita e responsável por esta casa em Miranda do Corvo, na diocese de Coimbra.

Depois dos cumprimentos recorda logo que “aqui, a 7 de janeiro de 1940, que era o dia do Santíssimo Nome de Jesus, o Pai Américo entrou nesta porta, com três rapazitos da baixa de Coimbra, que vieram dormir numa cama lavada e comer uma sopinha”, conta o sacerdote.

Antes, uma paragem de oração na pequena capela junto à casa do Gaiato, que o sacerdote se apressa a abrir e ali reúne a comunidade a cada domingo.

A Quinta de São Brás foi comprada pelo “padre Américo, por 40 mil escudos que depois ficou a



pagar, para poder acolher rapazes de rua”. Atualmente, na casa vivem 20 rapazes, dos 10 aos 18 anos, divididos por alas diferentes.

O padre Manuel Mendes conta que os rapazes são oriundos dos países lusófonos, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, outros são portugueses.

“Hoje já não é aquele tipo de rapazes abandonados e sem família, dada a fragilidade familiar, normalmente são as mães que vêm de África, que tentam legalizar-se, outros rapazes nasceram cá em Portugal. Nós queremos que eles regressem à família, aliás uma das frases chave, um dos lemas é que “todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão””, explica.

“Não são um centro de acolhimento temporário” e o entrevistado refere que “os rapazes ficam por aqui algum tempo”, para haver uma estabilidade e os dias são passados na escola.

“Todos os dias os levamos ao centro educativo de Miranda do Corvo” e há “muito boa relação com a Casa do Gaiato”.

“A educação é tudo o que concerne à promoção e ao desenvolvimento humano. Educar também é contrariar, criar regras, implicá-los nas tarefas”, explica o padre Manuel Mendes, enquanto nos encaminha pela entrada na Quinta.



O espaço é envolvido em natureza, pomar, animais, uma pequena fonte, espaço de cultivo e jardim. Conhecemos a governanta da casa, como diz o padre Manuel, “a mãe da casa, o lado feminino e de afeto que é necessário para os rapazes e que o padre Américo tinha sempre em atenção”.

A sala comum, o refeitório

Leadeados por gatos, “todos com nome”, subimos as escadas, conhecemos a cozinha e entramos no refeitório, “o espaço onde todos gostam de chegar”. As mesas, devidamente alinhadas, mostram a regra necessária para a organização dos almoços, lanches e jantares.

Já em 1940 o Pai Américo, como o tratam ainda, escre-





veu as regras da casa do Gaiato, desde as horas de acordar, aos rituais e normas a cumprir, como se pode ler no quadro pendurado ao fundo da sala.

“Todos sabem o seu lugar e as suas tarefas. A primeira tarefa de cada um que chega é sempre servir os outros. Há a mesa dos mais pequenos e há as orações que antecedem as refeições”, descreve o padre Manuel.

Na folha “amarelada” das orações constam o Pai Nosso, Avé Maria, a Consagração a Nossa Senhora, e a Salvé Rainha, entre outras, “orações que lhe vão ficando na memória e que os ajuda a acalmar”.



“A casa não faz a aceção de pessoas. É uma casa com cariz católico, o pai Américo nunca perguntou a religião a nenhum rapaz, nem perguntou o estado civil dos pais. Portanto, é a nossa matriz e que foi inovadora, porque ele queria ir um bocadinho contra o sistema de reclusão e é por isso que ele escolhia quintas, para que os rapazes pudessem ter espaço”, conta o sacerdote.

Desde o tempo da pandemia, em 2020, os rapazes frequentam a catequese na paróquia de Miranda do Corvo, “alguns até já vieram crismados”, mas há sempre “espaço para a oração e ação de graças”.



“Eles vivem cá mas passam a maior parte do tempo nas escolas. É só esta questão de tentar amparar, levantá-los em termos escolares e de saúde. Aqui ajudamos na questão da saúde e da educação”, indica.

No dia da reportagem do Correio de Coimbra, as taças estavam alinhadas para o lanche, depois de uma tarde na escola, na sala de estudo ou no desporto escolar. Era quarta-feira e o jantar ia ser “ovos mexidos com chouriço, arroz e salada”, um prato que “eles adoram”, conta a cozinheira.

As mais de 40 galinhas, que vivem no seu espaço próprio cercado, fornecem os ovos que os rapazes tanto gostam, é do pomar que vem a fruta para a mesa e, muitas das outras coisas, chegam “pela caridade”.

“A comunidade acarinha muito esta casa, batem ao portão e às vezes perguntam: “padre, o que precisa?”, ainda há gente boa por aqui e conhecem a realidade que vivemos”, descreve.



O padre Manuel Mendes é o responsável da casa, conhece as famílias dos rapazes, faz contactos, conhece a história, circunstâncias e desafios de cada vida que ali vai crescendo. Mas, àquela casa, também chega “quem venha pedir auxílio, ser confessado ou simplesmente acompanhamento e escuta”.

O som da água a correr é a “banda sonora” da zona exterior, espaço amplo para momentos de estudo e convívio mas, “o campo da bola” é o que os rapazes mais gostam.

E os estudos? Que futuro?

Os 20 rapazes frequentam o ensino obrigatório e, na casa do Gaiato, “ajudam em tarefas simples, quando o tempo dá”.

“Hoje andaram a varrer o pátio, como qualquer pessoa faz na sua casa, pequenas coisas de jardinagem que vão aprendendo”, refere o entrevistado que justifica que “o tempo de escola absorve-os quase completamente”.



Os fins de semana são para outras atividades, como a música e o desporto.

“Temos uma boa professora de Educação Musical, que vem cá, da Lousã, e depois ao sábado à tarde é tempo de desporto também. No domingo, é o dia do Senhor, temos que parar para rezar”, assume.

Entramos nas salas de estudo onde, à quarta feira à tarde, se fazem trabalhos de casa ou se estuda no computador. Em momento de pausa e lanche, questionamos sobre o futuro, “o que querem ser quando foram grandes?”



As respostas, prontas e já pensadas: “eu quero seguir medicina”, “eu quero ser futebolista” e um dos rapazes mais novos, mais tímido “ainda não sei, mas quero algo nos computadores”. Seguem para mais um tempo de estudo.



O padre Manuel Mendes indica a ala dos mais novos, e onde se situa o quarto onde ficava o Padre Américo, hoje o quarto de um rapaz.

Cada cama, bem feita, tinha a roupa do dia seguinte, devidamente colocada e dobrada.

“A roupa que os rapazes vestem é toda dada”, conta.

O padre Manuel Mendes, vice-postulador da Causa de Beatificação do Venerável Padre Américo, mostrou com gosto a casa do Gaiato de Miranda do Corvo e, com mais gosto ainda, fala do fundador da Obra da Rua. Aos rapazes lembra, muitas vezes, o texto sobre santidade que o padre Américo deixou.

“Disse que não tivessem medo da palavra santo. Ser Santo. E por aqui adiante, fui-lhes dizendo que sem toda a parte, a todo o tempo, qualquer que seja a condição de vida, podemos desejar e abraçar aquele ideal: a cavar as terras, a bater ferro, a picar pedra, a fazer botas, a cortar pano, a advogar causas, a curar enfermos, a dizer Missa. (...) Basta-te luz e força! (...) O Santo é o homem que vive na sua vida a Vida de Deus”, padre Américo Aguiar, na **súmula** biográfica, 2016. 📖

O Fundador faleceu há 70 anos

Américo Monteiro de Aguiar nasceu em Penafiel, a 23 de outubro de 1887. Entrou no Seminário Maior de Coimbra a 03 de outubro de 1925, ficou conhecido como Padre Américo, instituiu a Obra da Rua em janeiro de 1940, com a fundação da primeira Casa do Gaiato.

Uma das figuras mais conhecidas da Igreja Católica em Portugal dedicou a sua vida aos mais pobres, especialmente os jovens em risco, acolhidos nas Casas do Gaiato, e aos doentes incuráveis.

O sacerdote faleceu no Hospital de Santo António, no Porto, a 16 de julho de 1956, aos 68 anos, e o seu processo de beatificação foi introduzido em 1986.



A 12 de dezembro de 2019, o Papa Francisco aprovou a publicação do decreto que reconhece as “virtudes heróicas” do Padre Américo, um passo central no processo que leva à proclamação de um fiel católico como beato, penúltima etapa para a declaração da santidade.



Diocese de Coimbra

VI ENCONTRO DIOCESANO DE COROS LITÚRGICOS



**Pe. António
Cartageno**



**Alberto Medina
de Seça**



**Joana
Monteiro**



**Nuno Miguel
de Almeida**

No centenário do nascimento do Pe. Manuel Luís (1926-1981)

A renovação da música litúrgica depois do Concílio

**SÁBADO
25 ABRIL, 2026**

**DAS 9H15 ÀS 17H30
COLÉGIO DE SÃO TEOTÓNIO
COIMBRA**

INSCREVE-TE

Programa
detalhado e
inscrições
em



Organização de:


**ESCOLA DIOCESANA
DE MÚSICA SACRA**
DIOCESE DE COIMBRA





PARA NOS PENSARMOS

SER PONTE

NUNO CASTELA CANILHO



Xilema: Seiva de juventude para um “Mundo Melhor”

O fundador do Escutismo, Robert Baden-Powell, como derradeiro ensinamento, deixou aos escuteiros de todo o mundo um apelo simples que, quase noventa anos depois de ter sido proferido, permanece atual: Ao Escuteiro cabe “deixar o mundo melhor do que o encontrou”. Esta expressão, simples na forma, é exigente no conteúdo.

Começa logo por obrigar a comparar. O que encontramos? O que deixamos? É melhor ou pior? E depois estimula a análise: Que fizemos nós para transformar? O que fizemos, se fizemos, melhorou?

Uma frase quase infantil que nos obriga a interrogar o modo como vivemos, servimos e nos comprometemos com os outros.

Baden-Powell fala, também, de um “Mundo Melhor”. Acreditando que o velho general tinha

como certo a premissa ‘Pensar Global, Agir Local’, somos levados a aprofundar que o impacto da ação do escutismo à escala planetária pode mesmo Mudar o Mundo.

Interessa hoje, num mundo tão polarizado ideologicamente, perguntar: O que é esse Mundo Melhor?

Para os escuteiros – e para os escuteiros católicos de Coimbra –, esse Mundo Melhor ganha contornos muito concretos. Traduz-se na promoção da dignidade humana, na construção da paz, na solidariedade efetiva com os mais frágeis e na responsabilidade pelo cuidado da Casa Comum. Está em sintonia com os grandes desafios da doutrina social da Igreja: Erradicar a pobreza e a fome, combater as desigualdades, promover a educação, o trabalho digno e a saúde para todos, cuidar da criação. Não são ideias abstratas, mas caminhos de ação quotidiana.



Não são boas intenções resultantes de ingenuidade utópica! São um compromisso global, nascido de um pacto mundial a que se chamaram Objetivos do Milénio e foram estabelecidos pelas Nações Unidas em 2000. Metas de esforço que em 2015 ganharam revisão e, novamente pela ONU, ficaram estabelecidas como os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

O Mundo Melhor é, então, de forma concreta e clara, para o escuteiros católicos de Coimbra, o modelo dos 17 ODS e do seu plano de implementação – a Agenda 2030.

É com a afirmação gritada desta realidade e com este espírito de mobilização que se inicia o segundo centenário do Escutismo em Coimbra. Um tempo que não quer apenas celebrar, mas renovar o compromisso: Sermos presença transformadora, ainda que humilde, no meio da sociedade.

No sábado, 28 de março, neste sentido, para o arranque da festa dos 100 anos, as celebrações decorrem na cidade com um convite aberto a todos. No Parque Manuel Braga, ao longo do dia, e em diversos pontos de Coimbra, será possível testemunhar a vitalidade de um movimento que continua a formar gerações com um propósito e um compromisso alicerçado e concreto.

Xilema foi o nome que os escuteiros escolheram para esta atividade. Se na Biologia Xilema é o tecido vivo nas plantas, cuja função básica é transportar água com nutrientes das raízes para os caules e folhas, agora, no Escutismo de Coimbra é atividade que transporta boas práticas de Sustentabilidade para a vida de centenas de jovens provenientes de vários territórios da Região.

Como a seiva que percorre a planta e a sustenta, também cada escuteiro é chamado a levar e a ser um caminho de transformação onde quer que esteja.

Depois da comemoração do Centenário do Escutismo em 2007, do Centenário do CNE e do Escutismo Católico Português, em 2023, Coimbra assinala neste ano de 2026/27 um marco significativo: o das comemorações do Centenário do Escutismo na cidade e na região. Não se trata apenas de recordar um passado rico e fecundo, mas de acolher um tempo de renovação, projetado para o futuro, onde a memória se transforma em compromisso.

Ao longo de doze meses, seremos convidados a visitar a história de tantos jovens e adultos que, através do Escutismo, fizeram da sua vida um testemunho discreto, mas eficaz – como a fragrância de uma flor, que não se impõe, mas se oferece, que dá beleza e satisfação, que impacta. Celebramos, assim, não só o que fomos, mas sobretudo aquilo que somos chamados a ser: presença viva, sinal de esperança, fermento no meio do mundo.

No sábado, então, dia 28 de março, o dia culminará na Sé Velha, com a celebração da Eucaristia, às 17 horas, presidida pelo Bispo de Coimbra – momento de ação de graças pelo dom da vida e pelo caminho percorrido, mas também de envio para a missão que continua.

Mais do que um evento, este centenário é um apelo. Um apelo à participação, à corresponsabilidade, à esperança. Porque o mundo precisa – hoje como ontem – de homens e mulheres dispostos a ser, com simplicidade e verdade, da flor, a fragrância. 🌸





Pe Germano: Missionário no Uganda e na Prisão de Coimbra

Cristina Novo

O padre Germano Serra, Missionário Comboniano, que trabalhou no Uganda durante 25 anos, faleceu no dia 14 de Março. O seu funeral decorreu no dia 17, naquele país do centro-leste de África, pois é tradição os missionários ficarem sepultados no lugar onde morrem.

Nascido a 26 de janeiro de 1956, Germano Serra foi para o Seminário Comboniano aos 23 anos, depois de ter desistido do curso de Engenharia e de ter trabalhado numa empresa metalomecânica no Porto. Enamorou-se do Uganda e do povo Karimojong.

Autor do mais completo dicionário da língua daquela tribo semi-nómada do norte do Uganda, Germano Serra foi vítima de um acidente

cardiovascular. O facto de estar a passar um tempo numa comunidade num lugar mais inacessível e a centena e meia de quilómetros de um hospital, fez com que o socorro não chegasse a tempo.

O padre Germano Serra era natural de Fânzeres, Gondomar, onde nasceu há 70 anos. Foi cativado do povo karimojong (ou karamojong) desde que foi estudar teologia para Kampala (Uganda), em 1984. Aproveitava as férias – o que fez seis vezes em três anos – para ir para Kanawat, uma das missões que os Combonianos tinham – e têm – entre aquele povo pastoril e guerreiro.

Regressa ao Uganda já como padre, em 1993. O seu sonho era trabalhar entre o povo que melhor conhecia o que aconteceu em cerca de 20 anos de trabalho no Uganda – em dois períodos (1993-2004 e desde 2012) – intercalados com trabalho em Portugal.

O padre Germano embrenha-se mais profundamente na realidade karimojong em 1998, submetendo-se à cerimónia de iniciação tribal. O rito tem várias etapas. Uma delas é a morte de um boi com uma lança. O iniciante bebe o sangue e o seu corpo é untado com o bolo alimentar que o animal ainda tem no estômago. Com a carne é organizado um banquete em honra dos antepassados representados nos anciãos. O iniciante passa a ser considerado um da tribo.



O padre Germano (aqui, em foto de Fevereiro de 2021 na casa dos Combonianos em Viseu)



Por razões de saúde regressa a Portugal em 2005 e instala-se em Coimbra. É neste período que passa em Portugal que tenho o privilégio de conhecer o padre Germano. O Sr. D Albino dá-lhe a missão de capelão do Estabelecimento Prisional de Coimbra. Com o mesmo entusiasmo que se lançava na savana africana, o padre Germano atravessava os muros de betão, diariamente, espalhando sorrisos e alegria por todo o lado. Dirigia-se a todos os que trabalhavam e residiam naquela casa com entusiasmo e vigor. Procurava os reclusos, sobretudo aqueles que lhe pareciam mais abatidos e passava grande parte do seu tempo circulando por áreas consideradas “perigosas” dentro do estabelecimento. Muitas vezes as Técnicas de Educação pediam-lhe para falar com um ou outro que estivesse mais desanimado e mesmo nós, voluntários, quando estávamos preocupados com alguém, pedíamos-lhe para durante a semana ver como estava um ou outro recluso que atravessasse um momento pior. Uma vez deu conta que um homem estava encostado a um gradeamento a olhar para baixo perguntando-lhe o que estava a fazer. Ele respondeu-lhe: - “quero morrer”. Ele disse-lhe com a sua voz forte: - “Sai já daí! Amanhã já arranjo alguém para te ajudar”.

Hoje, esse homem chora a sua morte e diz: - “o padre Germano salvou-me a vida”.

Lembro as suas celebrações litúrgicas, naquela minúscula capelinha, a sua voz forte como se estivesse numa catedral; lembro também a sua ideia de levar a visita pascal a cada cela e a forma como alegremente atirava água benta sobre os posters que os reclusos tinham pendurados nas paredes, aos quais lhes chamava-lhes “as santas”. Era uma mente aberta, uma alma grande, um missionário de corpo inteiro.

Sempre que voltava, telefonava-nos, visitava-nos. Nunca nos esqueceu como nós também não o esqueceremos nunca. Penso que gostou do trabalho que fez no estabelecimento prisional, mas o chamamento dos Karimojong era mais forte.

Apesar de não ter grandes conhecimentos de lexicografia, Germano Serra sentiu que não podia deixar cair em saco roto o legado de dois

NGAKARIMOJONG - ENGLISH DICTIONARY

Dicionário Karimojong-Inglês,
coordenado pelo padre Germano Serra.

grandes conhecedores da língua, seus colegas: o padre Novelli e o padre Crazzolaro. Bruno Novelli completou a gramática karimojong iniciada pelo padre Crazzolaro e tinha começado o dicionário. Infelizmente faleceu quando lhe faltavam seis letras do alfabeto. “Era uma casa sem tecto e sem um plano conhecido”, comentava o padre Germano. Por isso, aconselhado por alguns especialistas que contactou, decidiu apoiar-se no outro material que o estudioso tinha deixado: mais de 600 folhas de apontamentos à mão, em que, além do significado das palavras, havia frases exemplificativas.

O resultado foi uma obra de 765 páginas, que inclui o significado das palavras e o modo como se podem usar.

O trabalho foi subsidiado pela Conferência Episcopal Italiana e a impressão pelo Movimento de Solidariedade Missionária de Viseu. Apenas foi publicado um número reduzido de cópias do Dicionário Karimojong-Inglês, sobretudo para uso



das bibliotecas e centros de estudo. Mas o livro irá estar disponível na Internet para consulta. O mesmo se diga de outras fontes importantes para o conhecimento do povo e da cultura Karimojong, como livros e vídeos.

A importância que um dicionário tem justifica todo o esforço. O padre Germano considerava a língua como “uma das grandes chaves do traba-

lho missionário”, porque permite comunicar e chegar ao coração das pessoas. O dicionário é, por isso, um instrumento fundamental para todos aqueles que queiram conhecer a riqueza daquela cultura africana e entrar no coração do povo.

Felizmente deixou este trabalho concluído. Penso que partiu em paz com o sentimento de dever cumprido. 🙏





A C N

FUNDAÇÃO AIS

Uma bela história de amor

Paulo Aido

Orla Treacy tinha um sonho. Queria ter uma família grande. Mas Deus andava desde há muito a desassossegá-la a sua consciência. Até que tomou uma decisão radical. Vendeu o carro, comprou um bilhete de avião, foi para a Austrália, gastou todo o dinheiro que tinha e divertiu-se à sério. Uma semana depois, bateu à porta das Irmãs do Loreto. E a sua vida mudou para sempre. Agora está no Sudão do Sul e é feliz.

Nasceu na Irlanda, queria casar, ter muitos filhos. Mas Deus tinha outros planos para Orla Treacy. Tudo começou quando ela decidiu vender o carro, comprar um bilhete para a Austrália para umas férias, para se divertir. “E diverti-me imenso”, explica à Fundação AIS. Só que uma semana depois estava a bater à porta do Instituto da Bem-Aventurada Virgem Maria, conhecidas como Irmãs do Loreto. E tudo mudou na sua vida. Não casou, é verdade, mas a sua família agora é enorme, muito maior do que todos os filhos que poderia alguma vez imaginar... Hoje, Treacy vive no Sudão do Sul. A vida no Sudão do Sul é muito difícil. Depois de mais de duas dé-

cadadas de guerra civil, conseguiu a independência, que foi proclamada a 9 de Julho de 2011. Mas, desde então, a história do mais jovem país do mundo tem estado marcada sempre pela violência e sofrimento. Uma desavença política entre o presidente Salva Kiir e o então vice-presidente Riek Machar transformou-se, em 2013, num conflito aberto que degenerou também em guerra. As origens dos dois dirigentes ajudarão a explicar um pouco o que aconteceu, pois Kiir pertence à etnia Dinka e Machar ao povo Nuer, as duas principais etnias do Sudão do Sul. E é precisamente entre o povo Dinka que vamos encontrar agora a Irmã Treacy.

Distinguida com o prémio ‘Mulheres de Coragem’

“**P**ara mim, tem sido uma bela história de amor estar aqui”, diz a religiosa. “Estamos no contexto da tribo Dinka. Eles são um povo que ama o gado. Em algumas das nossas comunidades, as vacas são mais preciosas do que as nossas meninas. A nossa congregação tem um carisma particular em relação à educação e ao ministério com mulheres jovens. Por isso, fomos convidadas a construir um internato secundário para meninas”, explica. Quando as Irmãs do Loreto chegaram a Rumbek, no Sudão do Sul, o país tinha acabado de sair dos tempos tenebrosos da guerra civil. “A educação era uma grande prioridade, porque havia um sentimento de tentar elevar a dignidade das pessoas, mas também o desenvolvimento espiritual e moral do indivíduo e o seu reconhecimento de que fazem parte de uma Igreja mais ampla”, diz à Fundação AIS. Hoje em dia, a Irmã Treacy é a directora da escola primária e secundária Loreto Rumbek, que acolhe meninas em situação de vulnerabilidade. O seu trabalho tem sido notável a tal ponto que foi distinguida em 2019 com o prémio



© Foto ACN



“Mulheres de Coragem”, pelo Departamento de Estado dos EUA, que tem reconhecido o papel de mulheres que, ao redor do mundo, têm demonstrado coragem e liderança na defesa da paz, mas também da justiça, dos direitos humanos e da promoção feminina. E é incrível perceber que, na verdade, Orla Treacy nunca desejou mesmo ser missionária. Ela própria o confessa: “Nunca quis ser missionária... Realmente, queria ter uma família também. Mas o desejo por Deus e pela vida religiosa era maior”, diz. E foi então que tomou a decisão radical que haveria de mudar tudo e que a levaria a entrar para as Irmãs do Loreto. Hoje, quando olha para trás, não tem qualquer traço de arrependimento. Bem pelo contrário. “Fico feliz em dizer que essa paixão e desejo por Deus e por Jesus continuam tão fortes hoje como sempre. Em parte, isso deve-se à realidade do lugar onde vivemos”, explica.



© Foto ACN

“Nós ficamos com as pessoas...”

Falar com a Irmã Treacy é inspirador. Ela explica, com simplicidade desarmante, o papel único que os consagrados realizam nos quatro cantos do mundo. Não é um trabalho de ocasião, não é certamente algo que é fei-



© Foto ACN

to a pensar no elogio do mundo e muito menos no sucesso. E essa verdade faz toda a diferença e tem sido essencial também para a afirmação do papel da Igreja também no Sudão do Sul e especialmente ali, em Rumbek. “Tem sido muito importante para nós que as pessoas nos vejam como religiosos que vieram evangelizar, e não como uma ONG. Sempre que há uma guerra, as ONG evacuam o seu pessoal. Nós ficamos com as pessoas. Se as pessoas estão aqui, nós estamos aqui. Se as pessoas se mudam para o mato por causa da insegurança, nós mudamos para o mato com elas. Acho que nenhum de nós teria sobrevivido aos muitos anos de dificuldades que passamos aqui se não amássemos verdadeiramente a missão e as pessoas com quem estamos”, explica a irmã. Estas não são apenas palavras. São um testemunho poderoso do que significa ser missionário. A Irmã Treacy, que se deixou enamorar por Deus, tem ajudado a transformar a vida de centenas de meninas e jovens no Sudão do Sul. O seu trabalho, assim como o das Irmãs do Loreto, que é apoiado pela Fundação AIS, é exemplo do que significa uma entrega amorosa aos outros, aos mais necessitados, aos que precisam mais de ajuda. Hoje, Rumbek é a casa da Irmã Orla Treacy. Por ali está a família que ela abraçou, estão os seus filhos e filhas, os seus irmãos de fé, os seus amigos. Por ali, Orla Treacy tem vindo a descobrir o que é a felicidade. Ainda bem que Deus a desassosseguou... 📍



**CONSIGO, MANTEMOS VIVA
A MISSÃO DO #SUDAODOSUL**





SDEC

Inclusão de pessoas com deficiência na Igreja, nomeadamente na Catequese, e na Sociedade. Uma perspectiva histórica ⁽⁷⁾

Ana Faria

Idade Contemporânea [1789-até aos nossos dias] (cont.)

No final de 2018 é lançado pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã (SNEC), o curso de formação para Catequistas “SER CATEQUISTA”, que na Catequese 11, “Os interlocutores da catequese e o seu contexto”, salienta, desde logo, nos objectivos: “verificar que a Catequese se oferece a toda a pessoa e à pessoa toda”; “Compreender por que razão a mensagem, respeitando um itinerário, se deve adaptar aos destinatários” e ainda “identificar algumas modalidades de adaptação mais específicas.”¹

Em 2019, promove-se a nível nacional o projecto de Catequese para Adolescentes em caminhada para as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), “Say yes”.

No ano seguinte é editado entre nós o novo “Diretório para a Catequese” que dedica no Capítulo VIII, os pontos 269 a 272, exclusivamente à “Catequese com Pessoas com Deficiência”, chamando a

atenção para que “[...] as pessoas com deficiência são chamadas à plenitude da vida sacramental, mesmo quando se trata de distúrbios graves. [...] as pessoas com deficiência podem realizar a dimensão alta da fé, que compreende a vida sacramental, a oração e o anúncio da Palavra. [...] não são apenas destinatárias da Catequese, mas protagonistas de evangelização (n.º 272)”²

D. José Traquina, ainda em 2019, chama a atenção para que o acolhimento, a socialização e o afecto devem marcar o percurso de educação de todas as crianças e jovens, sublinhando a “dimensão do afecto” no que diz respeito ao relacionamento com pessoas com deficiência³.

Em 2022, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) e o Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), propõem o novo “Itinerário de iniciação à Vida Cristã das Crianças e dos Adolescentes com as Famílias”, salientando logo na introdução que “A Igreja que caminha em Portugal, imitando Jesus no seu acolhimento dos mais jovens, deseja que todos se encontrem com Jesus

¹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã (SNEC), “SER CATEQUISTA”, ed. SNEC, 2020, 2 vol.s: Catequese 11: “Guia do Catequista Formador”, p.55, e “Guia do Catequista em Formação”, p.189.

² Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, “Diretório para a Catequese”, Ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2020, n.ºs 269-272, pp. 217-220.

³ Cf. D. José Traquina, Bispo de Santarém, in Agência Ecclesia, 2020.10.29.



Cristo e vivam como seus discípulos (n.º 1)”, e ainda “[...] a iniciação cristã das crianças e adolescentes constitui um direito que brota da sua condição de batizados (n.º 15)”⁴. Este Itinerário abriu caminho a uma reestruturação do modelo de Catequese em Portugal, passando de um “*modelo escolar*”, para um “*modelo catecumenal*”, que se foca no encontro pessoal do Catequizando com a pessoa de Jesus, para se tornar seu discípulo. Este novo modelo estrutura-se em quatro tempos principais: 1. O despertar da Fé; 2. Iniciação à Vida Cristã; 3. Aprofundamento Mistagógico; 4. Discipulado Missionário.⁵

Foram inúmeras as vezes em que, ao longo do seu pontificado, o Papa Francisco chamou a atenção para a necessidade da Igreja e da sociedade em geral darem voz e vez às pessoas com deficiência, reconhecendo-lhes plena dignidade humana, e como tal, detentores de todos os direitos e deveres de toda a humanidade. E mais uma vez, na Cerimónia de Acolhimento das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ 23), o Papa, declarou perante meio milhar de jovens que assistiram presencialmente à abertura das Jornadas em Lisboa: “[...] Na Igreja há espaço para todos. Na Igreja, nenhum sobra. Ninguém está a mais. [...] Jesus di-lo claramente. Quando manda os apóstolos chamar para o banquete daquele senhor que o preparara, diz: «Ide e trazei todos, jovens e idosos, sãos, doentes, justos e pecadores. Todos, todos, todos! [...]”, tendo pedido para que os jovens que estavam presentes repetissem com ele: “*TODOS, TODOS, TODOS*”⁶.

Nesses todos estão incluídos de pleno direito, todas as pessoas com deficiência, sejam elas sensoriais, físicas, mentais, intelectuais, emocionais.

Conclusão

Tentámos ao longo deste percurso, que não tem a pretensão de ser exaustivo, perceber em que medida a Igreja, em particular a Catequese, e a sociedade em geral tendem a valorizar e a integrar socialmente a pessoa com deficiência, incluindo-a na totalidade, olhando-a com um “novo olhar”, como pessoa em plena posse dos seus direitos e deveres, apostando na sua autonomia, e na acessibilidade e participação activa na vida social.

Ao longo da história, as pessoas com deficiência foram sempre acolhidas pela Igreja, como destinatários de medidas de protecção, de acolhimento e de assistência à saúde, enquanto que, a sociedade em geral, eliminava ou escondia as pessoas com deficiência.

A Igreja, no decurso destes 2000 anos já passados, sempre lhes deu uma enorme atenção, seguindo o exemplo de Cristo: “[...] Veio ter com Ele [Jesus] uma grande multidão, trazendo coxos, aleijados, cegos, mudos e muitos outros [...]. Ele curou-os, de modo que a multidão ficou admirada, ao ver os mudos a falar, os aleijados a ficar sãos, os coxos a andar e os cegos a ver; [...]” (Mt 15, 30-31); ou como nos diz S. Marcos: “Curou muitos enfermos atormentados por diversos males [...]” (Mc 1,34).

Estas curas de Jesus tinham que ver com dois aspectos da inclusão:

- o primeiro, foi sempre o da inclusão no Reino de Deus, uma inclusão espiritual, essencial também para que houvesse uma total reintegração social; e, por isso, com frequência, os Evangelhos nos relatam que Jesus dizia a quem o abordava: “A tua fé te salvou”⁷.

- o segundo, incide sobre a inclusão na sociedade em geral. Curando física e espiritualmente

⁴ Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), “*Itinerário de Iniciação à Vida Cristã das Crianças e Adolescentes com as Famílias*”, Ed. SGCEP, Gráfica Almondina, 2022, n.ºs 1, p. 3 e 15; p. 17.

⁵ Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), “*Itinerário de Iniciação à Vida Cristã das Crianças e Adolescentes com as Famílias*”, Ed. SGCEP, Gráfica Almondina, 2022, n.ºs 1, p. 3 e 15; pp. 17, 36.

⁶ Cf. Papa Francisco, “*Discurso da Cerimónia de Acolhimento*”, - 3 de agosto de 2023, Lisboa, Parque Eduardo VII, in <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-cerimonia-accoglienza.html> [2025.09.15].

⁷ Mt 9,22; Mt 9,29; Mt 15, 28; Mt 17, 14-22; Mc 5, 34; Lc 7, 50; Lc 17,19.



as pessoas, estas poderiam/deveriam reintegrar-se socialmente, e disso é exemplo, o episódio da cura dos 10 leprosos em que Jesus lhes diz: “*Ide e mostrai-vos aos sacerdotes*”, porque eram estes que podiam confirmar a sua cura e, deste modo, serem de novo admitidos na sociedade⁸.

Pode dizer-se mesmo que, durante séculos, foi a Igreja que protegeu e cuidou das crianças e adultos deficientes, acompanhando também as suas famílias. A sociedade, pelo contrário, escondia e rejeitava as pessoas com deficiência, marginalizando também as suas famílias.

Aos poucos, sobretudo a partir dos finais do século XVIII, a Igreja e a sociedade em geral começaram a perceber a possibilidade de algumas pessoas com deficiências, sobretudo as do tipo sensorial - cegueira e surdez - poderem ser educadas de modo a compensar as suas deficiências e a conseguir alguma integração social.

Com a emergência dos movimentos das pessoas com deficiência assiste-se à consciencialização de que elas são sujeitos de direitos, e não apenas destinatários de medidas assistencialistas. Mas, enquanto que a sociedade se centra na capacidade de produção, na economia e no desenvolvimento social, a Igreja centra-se na dignidade intrínseca de toda a pessoa humana, quaisquer que sejam as suas capacidades ou limitações. E essa é a grande diferença...

No entanto, e apesar do muito caminho andado, para que haja não apenas uma integração parcial, mas uma inclusão total da pessoa deficiente na Igreja e na sociedade, constata-se que em muitas situações ainda há inúmeras barreiras, não só físicas, mas sobretudo mentais, psicológicas, emocionais. Barreiras do preconceito que urge desmistificar, não só na Igreja, incluindo a Cate-

quese, mas também na sociedade em geral: nesse sentido, em 2024, aquando da publicação que comemora os 100 anos da *Lei da Protecção da Infância*, é claramente expresso na sua introdução: “*Até porque [...] já não basta combater a exclusão, é necessário - e urgente - promover a inclusão: o que não é a mesma coisa!*”⁹

Portugal tem, como vimos, inúmera legislação respeitante à inclusão das pessoas com deficiência; a dificuldade tem sido a sua aplicação prática, nomeadamente no que diz respeito à educação inclusiva. Cristiana F. Moreira, diz-nos que “*Há um “subfinanciamento estrutural” na educação inclusiva; seriam necessários 500 a 700 milhões de euros para a garantir*”, acrescentando que “*Regime de educação inclusiva melhorou resultados, mas as escolas continuam a debater-se com falta de recursos, sobrecarga de equipas e um subfinanciamento que trava a plena aplicação da lei*”¹⁰

O Papa Francisco, ao longo do seu pontificado, foi chamando repetidamente a atenção para este assunto, bem como o Papa Leão XIV que um mês depois do início do seu papado, aprova novas regras para a inclusão de trabalhadores no vaticano, reconhecendo que “*a condição de deficiência não exclui a aptidão para o trabalho.*”¹¹

Termino ainda com as palavras que ele proferiu em Roma, no Congresso promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização: “*Conhecemos o grande desenvolvimento que ao longo dos últimos decénios se realizou em relação à deficiência. O crescimento na consciência da dignidade de todas as pessoas, sobretudo das mais débeis, levou a assumir posições corajosas para a inclusão de quantos vivem com diversas formas de deficiência, para que nenhuma delas se sinta estrangeira em sua casa. Contudo, a nível*

⁸ Lc 17, 11-19.


⁹ Cf. LEI DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA (LPI) – *op. cit.*, Nota Introdutória nº 9. In

¹⁰ Cf. MOREIRA, Cristiana Faria, “*Há um “subfinanciamento estrutural” na educação inclusiva; seriam necessários 500 a 700 milhões de euros para a garantir*”, in *Jornal Público*, secção Sociedade, Educação Especial, 2026.01.26. <https://www.publico.pt/2026/01/26/sociedade/noticia/ha-subfinanciamento-estrutural-educacao-inclusiva-necessarios-500-700-milhoes-euros-garantir-2162335#> [2026.01.26]; Cf. AZEVEDO, Joaquim, “*A Educação inclusiva exclui: um oxímoro sem solução** ARCO MAIOR”, *Revista Brotéria*, vol. 202, nº 1, Janeiro de 2026, pp. 35-47.

¹¹ in <https://rr.pt/noticia/religiao/2025/09/13/papa-promove-emprego-de-pessoas-com-deficiencia-no-vaticano/439705/> [2025.09.15].



cultural ainda permanecem expressões que lesam a dignidade destas pessoas devido ao prevalecer de uma falsa conceção da vida. Uma visão muitas vezes narcisista e utilitarista leva muitos, infelizmente, a considerar marginais as pessoas com deficiência, sem ver nelas a multiforme riqueza humana e espiritual. Está ainda muito acentuada na mentalidade comum uma atitude de rejeição desta condição, como se ela impedisse de ser feliz

e de se realizar a si mesmo. A catequese, de modo particular, está chamada a descobrir e experimentar formas coerentes para que cada pessoa, com os seus dons, os seus limites e deficiências, até graves, possa encontrar no seu caminho Jesus e abandonar-se a Ele com fé. Nenhum limite físico ou psíquico jamais poderá ser um impedimento para este encontro, porque a face de Cristo resplandece no íntimo de cada pessoa.”¹² 

¹² Cf. Papa Francisco, “Discurso no Congresso promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, sobre o tema ‘A Catequese e as pessoas deficientes’”, in https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171021_convegno-pcpne.html [2025.09.15].





LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR

29 de março de 2026

Ano A

Leitura do Livro de Isaías Is. 50, 4-7

O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido. Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial Salmo 21 (22)

Meu Deus, meu Deus,
porque me abandonastes?

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses Filip 2, 6-11

Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus

O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. Palavra do Senhor.

Aclamação antes do Evangelho Filip 2, 8-9

Louvor a Vós, Jesus Cristo, Rei da eterna glória.

Evangelho segundo São Mateus Mt 26, 14 – 27, 66

Naquele tempo, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes e disse-lhes:

R: «Que estais dispostos a dar-me para vos entregar Jesus?».

N: Eles garantiram-lhe trinta moedas de prata. E a partir de então, Judas procurava uma oportunidade para O entregar. No primeiro dia dos Ázimos, os discípulos foram ter com Jesus e perguntaram-Lhe:

R: «Onde queres que façamos os preparativos para comer a Páscoa?».

N: Ele respondeu:

J: «Ide à cidade, a casa de tal pessoa, e dizei-lhe: 'O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo. É em tua casa que Eu quero celebrar a Páscoa com



os meus discípulos'».

N: Os discípulos fizeram como Jesus lhes tinha mandado e prepararam a Páscoa. Ao cair da noite, sentou-Se à mesa com os Doze. Enquanto comiam, declarou:

J: «Em verdade vos digo: Um de vós há de entregar-Me».

N: Profundamente entristecidos, começou cada um a perguntar-Lhe:

R: «Serei eu, Senhor?».

N: Jesus respondeu:

J: «Aquele que meteu comigo a mão no prato é que há de entregar-Me. O Filho do homem vai partir, como está escrito acerca d'Ele. Mas ai daquele por quem o Filho do homem vai ser entregue! Melhor seria para esse homem não ter nascido».

N: Judas, que O ia entregar, tomou a palavra e perguntou:

R: «Serei eu, Mestre?».

N: Respondeu Jesus:

J: «Tu o disseste».

N: Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, recitou a bênção, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo:

J: «Tomai e comei: Isto é o meu Corpo».

N: Tomou em seguida um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo:

J: «Bebei dele todos, porque este é o meu Sangue, o Sangue da aliança, derramado pela multidão, para remissão dos pecados. Eu vos digo que não beberei mais deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo no reino de meu Pai».

N: Cantaram os salmos e seguiram para o monte das Oliveiras.

N: Então, Jesus disse-lhes:

J: «Todos vós, esta noite, vos escandalizareis por minha causa, como está escrito: 'Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas do rebanho'. Mas, depois de ressuscitar, preceder-vos-ei a caminho da Galileia».

N: Pedro interveio, dizendo:

R: «Ainda que todos se escandalizem por tua causa, eu não me escandalizarei».

N: Jesus respondeu-lhe:

J: «Em verdade te digo: Esta mesma noite, antes de o galo cantar, Me negarás três vezes».

N: Pedro disse-lhe:

R: «Ainda que tenha de morrer contigo, não Te negarei».

N: E o mesmo disseram todos os discípulos. Então, Jesus chegou com eles a uma propriedade, chamada Getsémani, e disse aos discípulos:

J: «Ficai aqui, enquanto Eu vou além orar».

N: E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-Se e a angustiar-Se. Disse-lhes então:

J: «A minha alma está numa tristeza de morte. Ficai aqui e vigiai comigo».

N: E adiantando-Se um pouco mais, caiu com o rosto por terra, enquanto orava e dizia:

J: «Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice. Todavia, não se faça como Eu quero, mas como Tu queres».

N: Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro:

J: «Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo! Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca».

N: De novo Se afastou, pela segunda vez, e orou, dizendo:

J: «Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a tua vontade».

N: Voltou novamente e encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados de sono. Deixou-os e foi de novo orar, pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Veio então ao encontro dos discípulos e disse-lhes:

J: «Dormi agora e descansai. Chegou a hora em que o Filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos. Aproximase aquele que Me vai entregar».

N: Ainda Jesus estava a falar, quando chegou Judas, um dos Doze, e com ele uma grande multidão, com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. O traidor tinha-lhes dado este sinal:

R: «Aquele que eu beijar, é esse mesmo. Prendei-O».

N: Aproximou-se imediatamente de Jesus e disse-Lhe:

R: «Salve, Mestre!».

N: E beijou-O. Jesus respondeu-lhe:

J: «Amigo, a que vieste?».

N: Então avançaram, deitaram as mãos a Jesus e prenderam-n'O. Um dos que estavam com Jesus levou a mão à espada, desembainhou-a e feriu um servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha. Jesus disse-lhe:



J: «Mete a tua espada na bainha, pois todos os que puxarem da espada morrerão à espada. Pensas que não posso rogar a meu Pai que ponha já ao meu dispor mais de doze legiões de Anjos? Mas como se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim tem de acontecer?».

N: Voltando-Se depois para a multidão, Jesus disse:

J: «Viestes com espadas e varapaus para Me prender como se fosse um salteador! Eu estava todos os dias sentado no templo a ensinar e não Me prendestes... Mas, tudo isto aconteceu para se cumprirem as Escrituras dos profetas».

N: Então todos os discípulos O abandonaram e fugiram.

N: Os que tinham prendido Jesus levaram-n'O à presença do sumo sacerdote Caifás, onde os escribas e os anciãos se tinham reunido. Pedro foi-O seguindo de longe, até ao palácio do sumo sacerdote. Aproximando-se, entrou e sentou-se com os guardas, para ver como acabaria tudo aquilo. Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um testemunho falso contra Jesus para O condenarem à morte, mas não o encontravam, embora se tivessem apresentado muitas testemunhas falsas. Por fim, apresentaram-se duas que disseram:

R: «Este homem afirmou: 'Posso destruir o templo de Deus e reconstruí-lo em três dias'».

N: Então o sumo sacerdote levantou-se e disse a Jesus:

R: «Não respondes nada? Que dizes ao que depõem contra Ti?».

N: Mas Jesus continuava calado. Disse-Lhe o sumo sacerdote:

R: «Eu Te conjuro pelo Deus vivo, que nos declares se és Tu o Messias, o Filho de Deus».

N: Jesus respondeu-lhe:

J: «Tu o disseste. E Eu digo-vos: vereis o Filho do homem sentado à direita do Todo-poderoso, vindo sobre as nuvens do céu».

N: Então o sumo sacerdote rasgou as vestes, dizendo:

R: «Blasfemou. Que necessidade temos de mais testemunhas? Acabais de ouvir a blasfémia. Que vos parece?».

N: Eles responderam:

R: «É réu de morte».

N: Cuspiram-Lhe então no rosto e deram-Lhe pu-

nhadas. Outros esbofeteavam-n'O, dizendo:

R: «Adivinha, Messias: quem foi que Te bateu?».

N: Entretanto, Pedro estava sentado no pátio. Uma criada aproximou-se dele e disse-lhe:

R: «Tu também estavas com Jesus, o galileu».

N: Mas ele negou diante de todos, dizendo:

R: «Não sei o que dizes».

N: Dirigindo-se para a porta, foi visto por outra criada que disse aos circunstantes:

R: «Este homem estava com Jesus de Nazaré».

N: E, de novo, ele negou com juramento:

R: «Não conheço tal homem».

N: Pouco depois, aproximaram-se os que ali estavam e disseram a Pedro:

R: «Com certeza tu és deles, pois até a fala te denuncia».

N: Começou então a dizer imprecações e a jurar:

R: «Não conheço tal homem».

N: E, imediatamente, um galo cantou. Então, Pedro lembrou-se das palavras que Jesus dissera: «Antes de o galo cantar, tu Me negarás três vezes». E, saindo, chorou amargamente. Ao romper da manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram em conselho contra Jesus, para Lhe darem a morte. Depois de Lhe atarem as mãos, levaram-n'O e entregaram-n'O ao governador Pilatos. Então Judas, que entregara Jesus, vendo que Ele tinha sido condenado, tocado pelo remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos, dizendo:

R: «Pequei, entregando sangue inocente».

N: Mas eles replicaram:

R: «Que nos importa? É lá contigo».

N: Então arremessou as moedas para o santuário, saiu dali e foi-se enforcar. Mas os príncipes dos sacerdotes apanharam as moedas e disseram:

R: «Não se podem lançar no tesouro, porque são preço de sangue».

N: E, depois de terem deliberado, compraram com elas o Campo do Oleiro, que servia para a sepultura dos estrangeiros. Por este motivo se tem chamado àquele campo, até ao dia de hoje, «Campo de Sangue». Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta: «Tomaram trinta moedas de prata, preço em que foi avaliado

Aquele que os filhos de Israel avaliaram e deram-nas pelo Campo do Oleiro, como o Senhor me tinha ordenado».



N: Entretanto, Jesus foi levado à presença do governador, que lhe perguntou:

R: «Tu és o Rei dos judeus?».

N: Jesus respondeu:

J: «É como dizes».

N: Mas, ao ser acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. Disse-Lhe então Pilatos:

R: «Não ouves quantas acusações levantam contra Ti?».

N: Mas Jesus não respondeu coisa alguma, a ponto de o governador ficar muito admirado. Ora, pela festa da Páscoa, o governador costumava soltar um preso, à escolha do povo. Nessa altura, havia um preso famoso, chamado Barrabás. E, quando eles se reuniram, disse-lhes Pilatos:

R: «Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?».

N: Ele bem sabia que O tinham entregado por inveja. Enquanto estava sentado no tribunal, a mulher mandou-lhe dizer:

R: «Não te prendas com a causa desse justo, pois hoje sofri muito em sonhos por causa d'Ele».

N: Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram a multidão a que pedisse Barrabás

e fizesse morrer Jesus. O governador tomou a palavra e perguntou-lhes:

R: «Qual dos dois quereis que vos solte?».

N: Eles responderam:

R: «Barrabás».

N: Disse-lhes Pilatos:

R: «E que hei de fazer de Jesus, chamado Cristo?».

N: Responderam todos:

R: «Seja crucificado».

N: Pilatos insistiu:

R: «Que mal fez Ele?».

N: Mas eles gritavam cada vez mais:

R: «Seja crucificado».

N: Pilatos, vendo que não conseguia nada e aumentava o tumulto, mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo:

R: «Estou inocente do sangue deste homem. Isso é lá convosco».

N: E todo o povo respondeu:

R: «O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos».

N: Soltou-lhes então Barrabás.

E, depois de ter mandado açoitar Jesus, entregou-

lh'O para ser crucificado. Então os soldados do governador levaram Jesus para o pretório e reuniram à volta d'Ele toda a coorte. Tiraram-Lhe a roupa e envolveram-n'O num manto vermelho. Teceram uma coroa de espinhos e puseram-Lha na cabeça e colocaram uma cana na sua mão direita. Ajoelhando diante d'Ele, escarneciam-n'O, dizendo:

R: «Salve, Rei dos judeus!».

N: Depois, cuspiam-Lhe no rosto e, pegando na cana, batiam-Lhe com ela na cabeça. Depois de O terem escarnecido, tiraram-Lhe o manto, vestiram-Lhe as suas roupas e levaram-n'O para ser crucificado.

N: Ao saírem, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e requisitaram-no para levar a cruz de Jesus. Chegados a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar do Calvário, deram-Lhe a beber vinho misturado com fel. Mas Jesus, depois de o provar, não quis beber. Depois de O terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, e ficaram ali sentados a guardá-l'O. Por cima da sua cabeça puseram um letreiro, indicando a causa da sua condenação: «Este é Jesus, o Rei dos judeus». Foram crucificados com Ele dois salteadores, um à direita e outro à esquerda. Os que passavam insultavam-n'O e abanavam a cabeça, dizendo:

R: «Tu, que destruías o templo e o reedificavas em três dias, salva-Te a Ti mesmo; se és Filho de Deus, desce da cruz».

N: Os príncipes dos sacerdotes, juntamente com os escribas e os anciãos, também troçavam d'Ele, dizendo:

R: «Salvou os outros e não pode salvar-Se a Si mesmo! Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz e acreditaremos n'Ele. Confiou em Deus: Ele que O livre agora, se O ama, porque disse: 'Eu sou Filho de Deus'».

N: Até os salteadores crucificados com Ele O insultavam. Desde o meio-dia até às três horas da tarde, as trevas envolveram toda a terra. E, pelas três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte:

J: «Eli, Eli, lemá sabactáni?»,

N: que quer dizer: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?». Alguns dos presentes, ouvindo isto, disseram:

R: «Está a chamar por Elias».



N: Um deles correu a tomar uma esponja, embebeu-a em vinagre, pô-la na ponta duma cana e deu-lhe a beber. Mas os outros disseram:

R: «Deixa lá. Vejamos se Elias vem salvá-l'O».

N: E Jesus, clamando outra vez com voz forte, expirou.

N: Então, o véu do templo rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu e as rochas fenderam-se.

Abriram-se os túmulos e muitos dos corpos de santos que tinham morrido ressuscitaram; e, saindo do sepulcro, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. Entretanto, o centurião e os que com ele guardavam Jesus, ao verem o tremor de terra e o que estava a acontecer, ficaram aterrados e disseram:

R: «Este era verdadeiramente Filho de Deus».

N: Estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia, para O servirem. Entre elas encontrava-se Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. Ao cair da tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, que também se tinha tornado discípulo de Jesus. Foi

ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. E Pilatos ordenou que lho entregassem.

José tomou o corpo, envolveu-o num lençol limpo e depositou-o no seu sepulcro novo, que tinha mandado escavar na rocha. Depois rolou uma grande pedra para a entrada do sepulcro e retirou-se. Entretanto, estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, sentadas em frente do sepulcro. No dia seguinte, isto é, depois da Preparação, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus foram ter com Pilatos e disseram-lhe:

R: «Senhor, lembrámo-nos do que aquele impostor disse quando ainda era vivo: 'Depois de três dias ressuscitarei'. Por isso, manda que o sepulcro seja mantido em segurança até ao terceiro dia, para que não venham os discípulos roubá-lo e dizer ao povo: 'Ressuscitou dos mortos'. E a última impostura seria pior do que a primeira».

N: Pilatos respondeu:

R: «Tendes à vossa disposição a guarda: ide e guardai-o como entenderdes».

N: Eles foram e guardaram o sepulcro, selando a pedra e pondo a guarda.

Palavra da salvação. 📖



LITURGIA DIÁRIA

liturgia.pt/liturgiadiaria/



NEM SÓ DE PÃO

COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

P. CARLOS GODINHO



O Reino de Deus: dom e vocação!

No Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, somos convidados a acolher o Reino de Deus, que nos é oferecido como dom, e a acolher o chamamento a imitar Cristo, como Seus discípulos – amando, no desprendimento, no serviço e na entrega, como Ele nos amou.

A Palavra de Deus acentua a inteira disponibilidade de Jesus na realização da vontade do Pai, entregando a Sua vida, na humildade e no despojamento de Si, para realizar o Reino de Deus – reino de amor e de vida, que Ele nos alcança, pela Sua Paixão, Morte e Ressurreição.

A primeira leitura evidencia este despojamento. No cântico do «Servo de Javé», que os padres da Igreja compreenderam ter a sua realização em Jesus Cristo, encontramos descrita esta disponibilidade: «o Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo». Num abandono à vontade do Pai, que não O encerra na morte, mas nos abre à esperança do triunfo sobre o sofrimento e a própria morte: «Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado».

Este canto do Servo de Javé prepara-nos para a narração da Paixão do Senhor, onde se concretiza esta obediência e se realiza o mistério da nossa salvação. Com efeito, na Cruz de Cristo nós fomos salvos. São Mateus narra a paixão de Cristo como concretização do que havia sido anunciado nas Escrituras, na longa preparação da vinda do Mes-

sias, que nos salva pela Sua morte e Ressurreição. Na simbologia do véu do templo, que se rasga em duas partes, vemos suplantada a antiga aliança, que se abre agora à nova, celebrada com a entrega do Filho de Deus. E cada um de nós é chamado a imitar o centurião romano, que, diante do mistério da vida entregue por amor, exclama: «Este era verdadeiramente Filho de Deus».

São Paulo, na Carta aos Filipenses, coloca-nos diante deste mesmo mistério de kenosis: fazendo-se homem, Jesus vai até ao fim, até à humilhação da cruz. Contudo, nesse aniquilamento, na cruz, começa a Sua elevação à glória.

Nesta semana – a semana maior – somos convidados a acolher a salvação que Deus nos oferece, de modo tão singular, pela expressão maior do amor, concretizando aquela indicação de Jesus, no Evangelho: «não há maior amor do que dar a vida». Jesus salva-nos neste amor: na entrega da Sua vida por nós! Esta fonte de vida continua a brotar para cada um de nós e somos convidados a acolhê-la, desde logo nas graças sacramentais, onde Cristo Morto e Ressuscitado se nos oferece.

Mas também nós somos convidados a imitar o Mestre, como Seus discípulos, na vivência da mesma humildade, disponibilidade e entrega aos nossos irmãos, fiéis ao próprio chamamento do Senhor: «Se alguém quer ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me». O amor está no centro da nossa identidade e condição de cristãos! O amor cujo modelo é o amor



do Senhor Jesus Cristo por nós. Precisamos, assim, de aferir sempre se a nossa vida está marcada por esta vivência que nos aproxima do Mestre, ou se por outras vivências que nos distanciam desta lógica do Evangelho.

Se nesta semana somos efetivamente convidados a acolher o dom da vida, que Cristo nos con-

feriu pela Sua Paixão, Morte e Ressurreição, e se somos chamados a segui-Lo na mesma entrega aos nossos irmãos, devemos fazer desta semana um tempo de maior silêncio, de meditação deste mistério de amor, para que nos deixemos revolver por ele, acolhendo Cristo como nossa vida e deixando-nos mover pelo Seu Espírito, no sentido de o imitarmos, na entrega de nós mesmos. 🙏



CÂNTICOS

DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

05 de abril de 2026**Ano A***O que cantamos em:***MIDÕES**

Com o contributo de

 **Ana Paula Neves****Entrada**

O Senhor ressuscitou | NCT 176

Ofertório

Ressuscitou, Aleluia | NCT 200

Comunhão

Cristo, nosso Cordeiro Pascal | NCT 167

Final

Ressuscitou, Aleluia | NCT 200

SOURE

Com o contributo de

 **Jorge Sousa Pereira****Entrada**

Ressuscitou Jesus Salvador | NCT 861

Aspersão da Assembleia

Batizados em Cristo | NCT 233

Sequência Pascal

À Vítima pascal | NCT 40

Apresentação dos Dons

Ó grande alegria | NCT 686

Comunhão

Cristo, nosso Cordeiro Pascal | NCT 329

Pós-Comunhão

Dai graças ao Senhor | NCT 335

Final

Ressuscitou. Aleluia! | NCT 864

NCT - Novo Cantemos Todos





AGENDA

DIOCESE

27 MAR. **FORMAÇÃO** «PARÓQUIA, COMO ESPAÇO SEGURO»

Acontece no Arciprestado do Nordeste, pelas 10h00, no salão paroquial de Arganil.

28 MAR. DIA DA REGIÃO CNE

29 MAR. DOMINGO DE RAMOS

Missa na Sé Nova, pelas 11h15.

02 ABR. MISSA CRISMAL, NA SÉ NOVA

Inicia às 10h00.

MISSA DA CEIA DO SENHOR

Inicia às 21h30.

03 ABR. CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO DO SENHOR, NA SÉ NOVA

Inicia pelas 15h00.

VIA SACRA, DO SEMINÁRIO MAIOR ATÉ À SÉ NOVA

Inicia às 21h30.



04
ABR. VIGÍLIA PASCAL, NA SÉ NOVA

Inicia às 21h30.

05
ABR. MISSA DA RESSURREIÇÃO, NA SÉ NOVA

Inicia às 11h15.

19
ABR. INÍCIO DA SEMANA DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES**20**
ABR. CICLO CULTURAL “SURSUM CORDA”,
COM O TEMA “TER O CORAÇÃO NAS MÃOS – MEDO”

Seminário Maior de Coimbra, pelas 21h30.

23
ABR. JANTAR SOLIDÁRIO DO FUNDO SOLIDÁRIO NEXT

Iniciativa acontece pelas 20h00, **inscrições** até 18 de abril.

VIGÍLIA DAS VOCAÇÕES (SDPV)

Inicia pelas 21h30.

25
ABR. VI ENCONTRO DIOCESANO DE COROS LITÚRGICOS**25e26** PEREGRINAÇÃO NACIONAL
ABR. DO MOVIMENTO ESPERANÇA E VIDA A FÁTIMA

NACIONAL

08^a10

ABR. ENCONTRO NACIONAL DE CATEQUESE (AVEIRO)

13^a16

ABR. ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS

17ABR. V JORNADAS DE COMUNICAÇÃO
DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

A iniciativa acontece no Centro Pastoral de Paulo VI,
com o tema "A comunicação como instrumento para a paz". [Inscrições.](#)

VATICANO

28

MAR. PAPA VISITA O PRINCIPADO DO MÓNACO

13^e23

ABR. PAPA VISITA ÁFRICA

6^e12

JUN. PAPA VISITA ESPANHA E ILHAS CANÁRIAS



O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.

CORREIO DE **COIMBRA**

Semanário da Diocese de Coimbra

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT